Caminho sem volta

O problema era que toda a bagagem sobre funcionamento do cérebro, ciências cognitivas, aprendizado da linguagem e psicologia fugia do escopo do curso da Faculdade de Letras. Mas Alex queria mais e partiu para a iniciação científica no laboratório da universidade. E veio a primeira bolsa de estudo, de R$ 300 por mês. "Comecei a trabalhar com a minha professora. Fui me interessando cada vez mais sobre bebês, cérebro e linguagem. E o retorno das nossas pesquisas era sempre positivo", ressalta. "Mas as pessoas ficavam intrigadas e diziam: aqui é uma faculdade de letras, você está fora do seu habitat. E realmente eu estava forçando uma interdisciplinaridade que não existia ainda no Brasil", emenda.

O passo seguinte foi fazer uma pesquisa com um grupo de mais de 30 bebês de 4 a 6 meses, em parceria com uma aluna de mestrado, que tinha uma escola bilíngue de crianças. Com a ajuda de uma engenheira, adaptaram um sistema usado pelos franceses, o chupetógrafo, para entender a reação das crianças quando apresentadas às letras do alfabeto, consoantes e vogais. "Era um trabalho difícil, pois precisávamos que os bebês fossem ao laboratório por 10 dias seguidos. Tínhamos que ensinar várias coisas para essas crianças nesse período e ver se elas aprenderam. Conseguimos. Acho que, até hoje, foi o único trabalho com bebês tão pequenos no laboratório da universidade", assinala.

Foi nesta etapa da vida que a França entrou com tudo na vida de Alex. No final da graduação em letras, ele participou de uma seleção para ensinar português aos franceses durante um ano. Como ele precisava aprimorar o conhecimento da língua, não titubeou. "Não imaginava que isso mudaria minha vida, porque estava tão animado com a área da psicolinguística, na qual eu fazia a pesquisa, que tinha certeza de que entraria no mestrado e no doutorado, que faria carreira nessa área no Brasil", afirma. Já em Bordeaux, após contatos prévios ainda na faculdade, ele conseguiu conciliar as aulas com um estágio em um laboratório que estudava a linguagem de bebês.

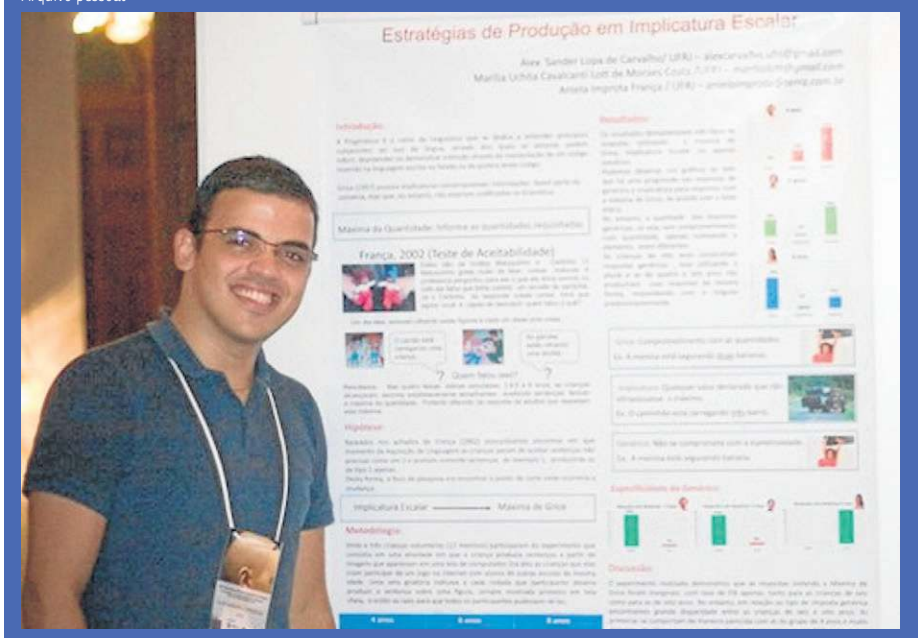
Uma das professoras desse laboratório lhe perguntou por que voltaria para o Brasil se não havia estrutura para ele continuar com suas pesquisas. Ela sugeriu, então, que Alex concorresse a uma vaga de mestrado nas escolas superiores da França, comparadas às de Havard, nos Estados Unidos. Essas escolas, seletíssimas, foram fundadas por Napoleão Bonaparte para formar a elite pensante francesa. Ele encarou o desafio e passou para a de Lyon. Em setembro de 2011, adentrava um templo do conhecimento. A escola, contudo, não tinha pesquisas de linguagem com crianças. Ele teve de fazer seus estudos com adultos.

Vicente Nunes/CB/D.A Press



Alex de Carvalho se aprofundou em pesquisas sobre como as crianças aprendem a linguagem analisando estudos feitos por cientistas renomados

Arquivo pessoal



O professor, durante apresentação de seus primeiros trabalhos científicos no 1º Congresso Internacional de Psicolinguística da Anpoll, organizado pela UFRJ em 2009

Arquivo pessoal



No mestrado em Lyon, na França, em 2011: meta principal sempre foi aprofundar suas pesquisas sobre a linguagem dos bebês

Hora de retribuir

Como sua meta era trabalhar com bebês, ele foi a Paris e conseguiu uma reunião com a diretora do mais importante laboratório do mundo especializado em aquisição de linguagem. A conversa, que deveria durar uma hora, estendeu-se por todo dia e resultou num convite para que Alex desenvolvesse projetos lá. Para isso, teria que transferir o mestrado de Lyon para a capital francesa. A burocracia pesou e o jeito foi ele abrir mão do curso que havia começado um ano antes e tentar uma bolsa em Paris. Fez a prova para outro mestrado e foi aprovado.

"O diretor de Lyon veio falar comigo e me disse: você me ensinou uma lição. Ele contou que poderia ter flexibilizado as regras para a minha transferência, mas achava que o seu veto seguraria um excelente aluno no laboratório dele. Entendeu que a gente só vive uma vida e que eu deveria seguir atrás dos meus objetivos. Me deu a benção dele. E eu bati asas", rememora o professor. A recepção na escola de Paris foi muito positiva. Os professores abriram mão das matérias que ele já tinha estudado e pode montar o próprio curso. "Foi uma oportunidade excelente. Continuei sendo pago para estudar. Estava em uma das melhores universidades do mundo, tendo tudo à minha disposição para atingir meu objetivo."

Veio o doutorado também na França, o pós-doutorado na Universidade da Pensilvânia, nos Estados Unidos, e a aprovação em concurso para ser professor em Sorbonne, no Departamento de Psicologia. "Por isso, falo que, quem teve essas oportunidades todas, com todo o investimento que foi feito em mim, não pode se achar um coitadinho", reforça. Hoje, Alex retribui parte do que recebeu por meio de parcerias com universidades brasileiras e auxiliando estudantes do seu país de origem, que, como ele, se aventuram pela França. "Tenho um compromisso pessoal da minha parte, que é o de tentar oferecer para o Brasil um pouquinho de tudo de bom que eu consegui", enfatiza.

Além da parceria com professores e de atuar no programa de pós-graduação em Linguística da UFRJ, Alex participa da Rede de Ciência para a Educação, que recebe incentivo da fundação Ayrton Senna. "Faço isso de forma completamente voluntária, para poder oferecer alguns cursos nesse programa e também receber alunos no meu laboratório em Paris", conta. Para o professor, é triste saber que o Brasil tem destinado cada vez menos verbas para pesquisa e ciência. "Tenho medo de que o país continue perdendo seus cérebros. Os alunos de universidades públicas brasileiras são extremamente inteligentes, capacitados, podem mudar o mundo. Só temos de lapidar esses diamantes, e isso requer investimento", conclui.